

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO EU A PARTIR DA PRESENÇA DO OUTRO NOS CONTOS DE JULIO CORTÁZAR E DE MILTON HATOUM

Cristiane de Mesquita Alves¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o processo de construção do Eu na perspectiva do olhar e da presença do Outro a partir das considerações das memórias dos narradores dos contos “Final do jogo” (2016), do escritor naturalizado argentino Julio Cortázar, por meio de um estudo de literatura comparada com o conto “Uma estrangeira da nossa rua” (2009) do manauara Milton Hatoum, elencados com o fim de explicar de que forma a presença da outridade influencia, constantemente, na inquietante formação das identidades dos protagonistas dos relatos no decorrer da juventude, marcada pelo medo, pelas condições sociais, físicas e psicológicas distorcidas e irreversíveis. E, para entrelaçar esse discurso, o método de análise escolhido foi o de Literatura Comparada de Remak; Pichois; Rousseau (2011), os conceitos de identidade de Bauman (2005), Bicca (1999) e Quinet (2015) em relação à outridade, Vasconcelos (2013) para explicar as vertigens do eu no processo de construção do eu-identitário esperado pela aceitação do Outro, Candau (2016) e Halbwachs (2013) no que concerne à memória individual e à coletiva, além de contribuições de Freud (2010; 2016), para explicar o processo de formação narcísica das personagens literárias escolhidas para a discussão neste trabalho.

Palavras-chave: Outridade. Memória. Identidade. Literatura comparada.

THE CONSTRUCTION OF SELF PROCESS FROM THE PRESENCE OF THE OTHER IN JULIO CORTÁZAR AND MILTON HATOUM'S SHORT STORIES

ABSTRACT: The goal of this article is to analyze the process of the construction of the Self in the perspective of the look and presence of the Other from the narrators' memories of the short story “Final do jogo” {“Game end”} (2016), by Argentine writer Julio Cortázar, by means of a comparative literature study to the short story “Uma estrangeira da nossa rua” {“A foreigner from down the street”} (2009) by Milton Hatoum, written to explain how the presence of otherness constantly influences the disturbing formation of the identities of the protagonists of the stories in the youth, marked by fear, distorted and irreversible social, physical and psychological conditions. In order to interweave this discourse, the method of analysis chosen was the Comparative Literature of Remak and Pichois & Rousseau (2011), the concepts of identity of Bauman (2005), Bicca (1999) and Quinet (2015) in relation to otherness, Vasconcelos (2013) to explain the vertigo of the self in the process of constructing the identity-self expected by the acceptance of the Other, Candau (2016) and Halbwachs (2013) regarding individual and collective memory, as well as contributions by Freud (2010, 2016), to explain the process of narcissistic formation of the literary characters chosen for the discussion in this work.

Keywords: Otherness. Memory. Identity. Comparative literature.



Submetido em: 30 out. 2019

Aprovado em: 01 dez. 2019

e-ISSN 2595-7295



Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional

¹ Discente do Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (UFAM).
E-mail: cris.mesquita28@hotmail.com

INTRODUÇÃO: DO EU NOS OUTROS

Depois que todos foram
E foi também o dia
Ficaram entre as sombras
Das áreas apertadas
Eu e a minha agonia.

(Fernando Pessoa)

Não há sujeito sem o Outro, igual ou rival, que se encontra no par do reflexo do espelho, ou no registro do imaginário, no grande Outro ou nos discursos do inconsciente. O indivíduo está, a todo o momento, projetando seus conteúdos, seus sentimentos e, até mesmo, seus pensamentos no intuito de que se correspondam no Outro, o que Freud (2010) descreveu como sendo um processo de construção do Eu ideal, encarnado pelo Outro ideal.

O Outro é o Eu ideal, uma imagem desenhada e esculpida pelo o que o Eu desejaria ser ou ter; o Outro é aquele que constitui o ideal do Eu, em que o sujeito passará a vida toda, tentando moldar seu Eu à imagem e à semelhança desse Eu ideal, em que o “homem e o ser estão entregues um ao outro [...]. Pertencem um ao outro por mútua destinação ou remissão. Sem o ser [...] afastado do ser o homem não desdobra essência e vive no desenraizamento.” (BICCA, 1999, p. 164). O Outro é uma parte integrante na concretização da identidade do Eu, é o correspondente ao “nos sociais” defendido por Bauman (2005), em que os laços identitários estão ancorados na outricidade, e, para a ocorrência do bem-estar social do Eu na sociedade, este necessita realizar-se no Outro, como uma forma de dependência “quase” narcísica para ser feliz, pois, “o indivíduo tem de fato uma dupla existência, como um fim em si mesmo e como um elo de uma corrente, à qual serve contra – ou, de todo modo, sem – a sua vontade.” (FREUD, 2010, p. 20-21).

Essa “corrente” apontada por Freud (2010), diz respeito à presença do Outro na vida do indivíduo, a qual simboliza a ligação entre ambos, e, conseqüentemente, à relação de dependência na “questão da outridade” (grifos meus), ou seja, o que o Outro representa no processo de construção identitária. Dessa forma, diante dessas considerações introdutórias, esse artigo tem por finalidade analisar essa relação entre o Eu, o Outro e a dependência entre ambos, com base nos comportamentos das personagens Leticia e Ariel do conto “Final do Jogo” publicado pela primeira vez em 1956, por Julio Cortázar, e narrador personagem e Lyris do conto “Uma estrangeira da nossa rua”, um dos contos da coletânea *A cidade Ilhada* (2009) de Milton Hatoum.

E, para estabelecer os entrelaços nos textos selecionados, fez-se uso dos métodos de literatura comparada alicerçados nos “estudos [que] lidam mesmo é com os vultos literários do passado” (REMAK, 2011, p. 197), em que dentro de um texto, há sombras de leituras que remetem a outras lidas em outro texto; além dos “laços de analogia” (PICHOS; ROUSSEAU, 2011, p. 231), que há presentes entre as personagens citadas, para reiterar passagens dos contos que se parecem ou são parecidas.

Nesse sentido, este artigo foi dividido em três partes, além das notas introdutórias: a primeira traz a discussão de alguns conceitos a respeito do Eu próprio, ou Eu Postulado, no termo bauniano, e modificado pela presença do Outro como uma forma de (in) aceitação; a segunda discute as relações de renúncias dos Eus não postulados, por acreditarem que não serão aceitos pelo Outro devido a suas condições, como as físicas e as financeiras e a terceira, seguida das considerações finais.

1 EU POSTULADO E EU ALTERADO

Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la.

Sigmund Freud

O Eu postulado é a “minha identidade, [...] o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo o qual eu me avalio, censuro e corrijo os meus movimentos, esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí” (BAUMAN, 2005, p. 21); esse Eu está diretamente associado à capacidade do sujeito de depender de si próprio. É o que acontece no conto de Cortázar em relação à Leticia, que é uma menina com deficiência física, mas tenta superar sua condição e participa junto às irmãs das aventuras e das brincadeiras em um jogo de estátuas, fantasiadas para serem vistas pelos passageiros que passam no trem:

Lá ficava a capital do reino, a cidade silvestre e a sede do nosso jogo. A primeira a jogar era Leticia, [...] pouco a pouco foi se aproveitando dos privilégios e, desde o verão anterior, dirigia o jogo, acho que na verdade dirigia o reino; pelo menos ela se adiantava para dizer as coisas e Holanda e eu aceitávamos sem protestar, quase contentes. É provável que as longas conferências de mamãe sobre como devíamos nos comportar com Leticia tivessem surtido efeito, ou simplesmente que gostávamos bastante dela e não nos incomodava que fosse a chefe. Pena que não tivesse aspecto de chefe, era a mais baixa das três, e tão magra. A Holanda era magra e eu nunca pesei mais de cinquenta quilos, porém Leticia era a mais magra das três e, ainda por cima sua magreza era dessas que se veem de fora, no pescoço e nas orelhas. Talvez a rigidez das costas a fizesse parecer mais magra, como ela quase não podia

mexer a cabeça para os lados, dava a impressão de uma tábua de passar colocada em pé [...] E nos dirigia. (CORTÁZAR, 2016, p. 208).

Mesmo diante de sua situação física – debilitada, Leticia era a chefe do jogo e instruía as irmãs, que não a questionava. Ela participava de todo o processo que comporia o jogo de estátuas e atitudes, e no que dependia dela mesma, de seu Eu postulado, ela o faria, como se comprova no excerto:

Primeiro Leticia nos sorteava. Usávamos pedrinhas escondidas na mão, contar até vinte e um, qualquer sistema. Se usássemos o de contar até vinte e um, imaginávamos mais duas ou três garotas e as incluímos na conta para evitar truques. Se o vinte e um caísse em uma delas, era tirada do grupo e começávamos de novo, até que fosse uma de nós. Então Holanda e eu levantávamos a pedra e abríamos a caixa de ornamentos. Caso Holanda tivesse ganhado, Leticia e eu escolhíamos os ornamentos. O jogo tinha duas formas: estátuas e atitudes. (CORTÁZAR, 2016, p. 209).

Isto posto, o que se percebe é que o sujeito molda seu caráter e participa da formação de sua identidade, que é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço; um objetivo, “como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais” (BAUMAN, 2005, p. 22). No Eu postulado do sujeito, ele pratica ações que dependem de si mesmo.

Semelhante à Leticia, o narrador personagem do conto “Uma Estrangeira da nossa rua”, apesar de posteriormente na análise, ser considerado como um indivíduo frustrado, “Duas tentativas desastrosas, e mais uma vez amaldiçoei meu medo” (HATOUM, 2009, p. 21), comportando-se como à beira de um neurótico, por se sentir impedido de declarar seu amor a menina de seus desejos e não ter se submetido a “uma prova de quanto tempo tolerar esse aumento da tensão psíquica, e que caminhos irá tomar para se livrar dele” (FREUD, 2016, p. 72); há também no conto de Hatoum, passagens do Eu postulado, em que muitas atitudes dependem do próprio Eu para se realizarem, como podem ser exemplificadas nos trechos: “No caminho do aeroporto para casa, eu observava os lugares da cidade agora irreconhecível. Quase toda a floresta em torno da área urbana havia degenerado em aglomerações de barracos ou edifícios horrorosos” (HATOUM, 2009, p. 15) e em “Arrumei o quarto, separei e empacotei os livros que ia levar de volta para São Paulo, limpei os livros que ia doar à escola onde havia estudado.” (HATOUM, 2009, p. 22). Estes fragmentos demarcam no texto, momentos da concretização do Eu postulado: a saída do Eu – narrador de Manaus, para estudar em São Paulo, e que não ficou reduzido a sua vida provinciana, alimentando-se da dor por uma experiência amorosa fracassada na juventude.

Entretanto, nesses contos, o que se observa é que em poucas situações, os eus das personagens em estudo estiveram atrelados ao Eu postulado, defendido por Bauman (2005) como um dos atributos identitários; mas, a um Eu, que aos poucos, vai passando por um processo de alteração a partir do momento em que é observado pela presença do Outro, e esse intruso é o responsável pela mudança no comportamento do Eu, pois, o “Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido.” (FREUD, 2010, p. 18-19), e esse desenvolvimento é ocasionado pelo “olhar para o que é essencial expõe-nos frontalmente ao que ameaça, mas deixa-nos entrever também a salvação.” (BICCA, 1999, p. 169), isso acontece com as duas personagens, quando elas são modificadas pela presença do Outro na formação da identidade do ser. Em Cortázar, verifica-se essa alteração ocasionada pela presença de Ariel:

Isto começou não sei quando, mas as coisas mudaram no dia em que o primeiro papelzinho caiu do trem. É claro que atitudes e estátuas não eram para nós mesmas, porque nos cansaríamos logo. O jogo determinava que a escolhida devia ficar ao pé do talude, saindo da sombra dos salgueiros e esperar o trem das duas e oito vindo do Tigre. [...] Era um papelzinho todo dobrado e preso numa porca. Com uma letra de homem e bastante feia, dizia: “As estátuas são lindas. Viajo na terceira janela do segundo vagão, Ariel B”. (CORTÁZAR, 2016, p. 210-211).

E, no conto de Hatoum, o desassossego do narrador personagem era a presença da vizinha estrangeira:

Lyris devia ter uns dezoito anos, e a irmã era quase da minha idade: quinze. Antonieta, nossa vizinha mais escandalosa, as apelidara de bichos-do-mato, porque não iam às festas, não pulavam Carnaval, não se bronzeavam nos balneários nem tinham namorados ou amigos. Andavam sempre juntas, e sempre escoltada pelo pai: o engenheiro Doherty. Diziam que ele era inglês ou irlandês, e a verdadeira nacionalidade permaneceu um mistério. [...] a mãe [...] Alba era peruana. (HATOUM, 2009, p. 16).

Tanto Ariel, quanto Lyris representam o Outro respectivamente, para o Eu de Leticia e para o Eu do narrador personagem porque ambos se sentem inferiores diante da beleza, da astúcia do Outro tão desejado, e frente a essa inferioridade:

A percepção da impotência, da própria incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio. Aí devemos encontrar, na minha avaliação, uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência. Mas a fonte principal desse sentimento é o empobrecimento do Eu que resulta dos enormes investimentos libidinais deles retirados, ou seja, o dano trazido ao Eu por tendências sexuais não são mais sujeitas a controle. (FREUD, 2010, p. 46).

Esse sentimento de rebaixamento do Eu reflete no drama do frustrado, o qual encontra no Outro – que encarna o Eu ideal com todos os atributos que ele gostaria de ter e ser, para ser “amado pelo Outro. E ainda por cima o sujeito personifica no pequeno outro o lugar do outro, por quem endereça seu amor, por quem se apaixona e a quem elege como parceiro das venturas e desventuras do amor.” (QUINET, 2015, p. 26). O Eu tem defeitos e procura não encontrar no Outro desejado, por exemplo, o que acontece com Leticia:

No dia seguinte, nenhuma das três quis jogar para poder ver como Ariel B., mas reaceamos que ele interpretasse mal a nossa interrupção, de maneira que sorteamos e Leticia ganhou. Eu e Holanda ficamos contentes porque Leticia era muito boa estátua, a coitadinha. Não se notava a paralisia quando ela ficava parada, e ela era capaz de gestos de uma enorme nobreza. Como atitudes, sempre escolhia a generosidade, a piedade, o sacrifício e renúncia. (CORTÁZAR, 2016, p. 211).

Por mais que no conto fosse caracterizada por “a coitadinha. Não se notava a paralisia” (CORTÁZAR, 2016, p. 211), todo sofrimento e sacrifício valeriam passar, para ver como era Ariel e, conseqüentemente, impressioná-lo, “Por isso, escolhemos ornamentos especiais para que Ariel tivesse boa impressão [...]. Leticia ensaiou um pouco na sombra, e decidimos nós que também iríamos aparecer e cumprimentar” (CORTÁZAR, 2016, p. 211-212) com o objetivo de também o garoto se impressionar com ela.

Análogo a esse desejo de ser visto pelo Outro, o narrador personagem do conto de Hatoum também se sente incapacitado diante do objeto de desejo, levando-o à solidão e a no máximo, a se contentar apenas na observação do objeto desejado:

É impossível me aproximar de Lyris, pensei, enlouquecido numa tarde quente de agosto em que a vi deitada na cama, nua, lendo um livro de capa vermelha. As lentes do binóculo traziam para perto de mim o contorno e os relevos do corpo, os cachos de cabelo ruivo e os olhos verdes. Tranquei a porta da varanda e com as mãos suadas me delicieei com a visão do corpo de Lyris. (HATOUM, 2009, p. 19).

Não obstante, a imagem que o Eu delirante constrói do Outro é percebida no sujeito, não em si propriamente dito, mas no Outro experimentado como um intruso que invade o espaço imaginário do Eu, uma vez que “o eu é o outro para o sujeito. Trata-se do sujeito do inconsciente que se chama desejo” (QUINET, 2015, p. 15), desse modo, o Eu vê o Outro como desejo do reflexo de si, apontando e refletindo situações, circunstâncias nas quais, o Outro faz e o Eu não, pois,

O outro é concebido então como um outro Eu. O outro é então principalmente *identificado*: a mim. Eu posso saber o que ele é, uma outra *res cogitans*, e posso saber também como ele é, observando-o, comparando-o comigo e pondo-me mentalmente em seu lugar. Restringindo-se ao que em princípio importa, a solução poderia ser resumida assim: que eu existo, isto é algo que posso saber com toda segurança. (BICCA, 1999, p. 177, grifos do autor).

Esse Outro “é o meu próximo é minha alteridade egoísta, projeção narcísica de meu eu, espelho que me envia minha própria imagem a ponto de considerá-la semelhante. Esse outro, se é alter, é alter ego, nada mais do que meu ego alter-ado”. (QUINET, 2015, p. 18), é aquele que o Eu gostaria de ser, porém, não tem a capacidade de se assumir diante dos fatos sociais ou diante de si.

Por exemplo, o narrador personagem, no conto de Hatoum, gostaria de se aproximar de Lyris, no entanto, o medo não o permite fazer, ela vem e o faz “Afastou-se um pouco, olhou para o lado e, de repente, esticou o pescoço e me deu um beijo no canto da boca. [...] Fiquei sem saber se era o beijo de uma amizade ou de um namoro.” (HATOUM, 2009, p. 21). No conto de Cortázar, Leticia com toda sua astúcia, comandante e instrutora das irmãs, prepara-se, encoraja-se para conhecer Ariel, mas acaba desistindo por medo do rapaz não a aceitar por sua condição física, então, ele decide fazê-lo:

Um papelzinho de Ariel que a princípio não compreendemos: “A mais bonita é a mais preguiçosa.” Leticia foi a última a entender, vimos ficava vermelha e se afastava para um lado, e Holanda e eu nos entreolhamos um pouco de raiva. A primeira coisa que nos ocorreu sentenciar foi que Ariel era uma idiota, mas não podíamos dizer isso a Leticia, pobre anjinho, com sua sensibilidade e a cruz que carregava. Ela não falou nada, mas pareceu entender que o papelzinho era dela e o guardou. Nesse dia voltamos para casa bastante caladas e de noite não brincamos juntas. (CORTÁZAR, 2016, p. 213).

Por mais escolhida que fosse por Ariel, as irmãs “Holanda e eu nos entreolhamos um pouco de raiva” (CORTÁZAR, 2016, p. 213), mesmo com raiva de Leticia, entenderam a condição da “pobre anjinho, com sua sensibilidade e a cruz que carregava” (CORTÁZAR, 2016, p. 213); compreendendo que Leticia não poderia realizar o seu Eu no Outro, Ariel. Porém, Leticia projeta-se no Outro, isso porque “parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetual.” (FREUD, 2010, p. 18-19), ou seja, o que o Eu não é ou não tem, procura identificar-se no que o Outro possui. É o que o narrador do conto de Hatoum faz em relação à Lyris e a personagem Leticia em relação a Ariel, no conto de Cortázar.

2 A ESPERA E A ENTREGA NOS JOGOS DE ATITUDES E ESTÁTUAS

O outro é alicerçado no Eu como um discurso do inconsciente, um lugar em que o Eu procura por uma parte de sua identificação, por esse motivo os narradores e as personagens nos contos rememoraram passagens de suas juventudes para no presente em que estão relatando, empregam os acontecimentos de outrora para justificarem suas ações no hoje, já que “para evocar o seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referências que existem fora de si.” (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Tal transferência espacial-temporal nos contos é exemplificada pela narradora-irmã de Leticia e Narrador-personagem quem protagoniza suas experiências frustradas na juventude, um amor impossibilitado, não pelo Outro, mas pelo o próprio Eu, incapacitado de realizar seus projetos e conquistas, no caso, amorosas. No excerto:

Usava um vestido azul sem mangas e com decote ousado, e um cacho de cabelos da cor do fogo caía em cada ombro nu; os olhos verdes atraíam os que rondavam por ali, ofuscando a presença a irmã. Dois rapazes de uns vinte e cinco anos flertaram com Lyris, e um deles, o mais alto e posudo, roçou a mão no queixo dela e curvou a cabeça sobre o decote. (HATOUM, 2009, p. 20).

Há a comprovação da exibição do Outro- desejo objetual do Eu (Lyris), que não se esconde e não espera pela aproximação de quem deseja conquistá-la. Bem como na passagem do teatro, em que o Eu (narrador personagem) encontra Lyris, e quem se manifesta e o beija é ela (o Outro), o objeto de desejo do Eu, Lyris faz aquilo que o Eu desejaria fazer.

Em “Final do jogo”,

Holanda explicou que Letícia não tinha não pudera ir, e ele disse que era uma pena e que achava Leticia um nome bonito. Depois nos contou coisas do Industrial, que lamentavelmente não era um colégio inglês, e perguntou se o deixássemos ver os ornamentos. Holanda levantou a pedra e lhe mostramos as coisas. Ele as achou muito interessantes, e várias vezes pegou alguns dos ornamentos e disse: "Este aqui Leticia usava um dia", ou: "Este foi o da estátua oriental", querendo dizer a princesa da China. Afinal nos sentamos à sombra de um salgueiro e ele estava contente, mas distraído, dava para notar que ele só ficava por educação. [...] Ele perguntou de novo se Letícia estava doente, e Holanda me olhou e achei que ia contar, mas em vez disso, ela respondeu que Leticia não tinha podido vir. Ariel desenhava corpos geométricos na terra com um pauzinho, e de quando em quando olhava para a porta branca e sabíamos o que estava pensando, por isso Holanda fez muito bem em tirar o envelope roxo do bolso e lhe entregar e ele parou ali surpreso com o envelope na mão, depois ficou vermelho quando lhe explicamos que tinha sido Letícia quem mandara, e guardou a carta no bolso dentro do paletó sem querer ler na nossa frente. (CORTÁZAR, 2016, p. 219).

Ariel, o Outro, o alvo de desejo do Eu de Leticia, assim como Lyris, foi em busca de sua conquista, ele não se escondeu, procurou-a, entretanto, somada a enfermidade que Leticia tinha naquele momento, estava o medo da não aceitação do Outro, por ele ser um menino sem deficiências físicas, diferentemente de ela.

Leticia, em Cortázar, e o narrador personagem em Hatoum são dois sujeitos que passam uma parte da juventude na sombra de seus medos, ela em sua cadeira de rodas, ou parada com modelos de estátuas,

Leticia foi magnífica, não mexeu nenhum dedo quando o trem chegou. Como não podia girar a cabeça, jogava-a para trás, juntando os braços ao corpo quase como se tivesse; tirando o verde da túnica, era como olhar para Vênus do Nilo. Vimos um garoto de cachos louros e olhos claros na terceira janela, que nos deu um grande sorriso ao descobrir que Holanda e eu acenávamos para ele. O trem o levou em um segundo, mas às quatro e meia e ainda discutíamos se estava de roupa escura, se usava gravata vermelha e se era detestável ou simpático. (CORTÁZAR, 2016, p. 212).

Ele, na varanda de sua janela observando Lyris, na espera de alguém que lhes deem felicidade, “Aos sábados podia ver a janela do quarto das irmãs. A cama de Lyris aparecia inteira, a da irmã, só a metade; durante a semana, as duas moças raramente ficavam no quarto, pois estudavam no escritório [...], inacessível ao meu olhar.” (HATOUM, 2009, p. 17).

Essa busca pelo bem estar do Eu, associada à presença do Outro como uma busca incessante, e inacessível do Eu em relação ao Outro, leva os protagonistas desses contos, a verem no Outro uma parte do que poderia ser o seu narcisismo, o Eu é apaixonado pelo o que ele gostaria de ser ou de ter no Outro, isto é,

O amor por esse eu que vejo no outro, o amor por esse outro mim mesmo, amor pela imagem de mim mesmo como outro é o que Freud denominou de narcisismo e que corresponde ao registro do imaginário de Lacan. É o domínio do corpo, da forma e da imagem do outro, meu próximo, que além de rival, é também atraente, fascinante, amante. O imaginário é o registro da consciência e do sentido que faz com o homem se julgue um eu- o que é efetuado (sem que ele saiba) através da identificação com o outro. (QUINET, 2015, p. 11).

Sendo assim, o registro da consciência no imaginário afetivo de Leticia é Ariel, do mesmo modo como Lyris é o qual corresponde no pensamento do narrador personagem, assim,

Procuraremos delimitar imagens, comparações e metáforas que são utilizadas para se referir a si mesmo, definindo-se enquanto eu. Estratégias voltadas para a representação do eu [...] que se concentram especificamente nesse assunto, [...] uma abordagem compartilhada, que procura destacar a representação do sujeito de quaisquer outras questões. (VASCONCELOS, 2013, p. 114).

Por esse motivo, os agentes das narrativas nessa investigação, alteram seu Eu com base no reflexo do que veem nos Outros, como uma forma de modificação de seu próprio Eu, para ser aceito pelo Outro, na tentativa de encontrarem no Eu vertigens do próprio Eu, no Outro, ao qual deseja possuir. Nessa mudança, há um processo de alteração da própria identidade do Eu, a começar pela restituição dos nomes, uma vez que,

Todo dever da memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar a sua existência: reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade. (CANDAUI, 2016, p. 68).

Não à toa, que no conto de Cortázar, é a importância do descobrimento do nome do menino que passa todos os dias no trem, assentado na mesma janela, o qual desperta tanto interesse em Leticia, também há uma fundamentação na narração do narrador personagem de Hatoum, em que descreve o nome da família de seu objeto de desejo ou reflexo, para definir sua escolha por aquela moça, mais velha que a irmã e mais extrovertida e exibida. Diante de duas meninas (personagem de Hatoum), de tantos outros rapazes nas tantas janelas do trem (personagem de Cortázar), os protagonistas dos dois contos analisados se dão o direito de esquecer os demais, haja vista que:

o esquecimento permite muitas vezes ao sujeito assegurar a permanência dessa comunicação, graças a uma triagem sempre sutil entre as lembranças aceitáveis e aquelas que, a seus próprios olhos, tornam o passado psicologicamente, insuportável. (CANDAUI, 2016, p. 72).

Para garantir a triagem e destaque do Outro que será alvo de objeto de desejo, devedor da alteridade em seu Eu existencialista, ainda há nas duas narrações, a ocorrência de fatos que permutam os ambientes públicos e perpassam por outras pessoas no ambiente social em que ambas as personagens estão inseridas, e, isso acaba também incidindo como mais uma situação – problema na caracterização dos fracassos identitários das protagonistas.

Lyris é filha de um homem importante, rico na sociedade, diferentemente do narrador personagem que mora com os tios: “Tia Mira ralhava: Vais ser reprovado por causa dela. Desiste de uma vez, ela é quase mulher, e tu és um menino” (HATOUM, 2009, 18), e “Meu tio, mais tosco e bruto, andava nu pela casa e sentava de pernas abertas na rede e me encarava com um sorriso cínico: Essa Lyris é pra mim, rapaz”. (HATOUM, 2009, p. 18).

Enquanto Ariel, calculava dezoito anos, posto que as meninas estavam seguras que ele não tinha mais “(certas de que não passava de dezesseis) e concordamos que voltava

diariamente de algum colégio inglês. O mais certo de tudo era o colégio inglês, não podíamos aceitar um estudante qualquer. Via-se que Ariel era bom rapaz”. (CORTÁZAR, 2016, p. 212), pelas descrições estudava em um importante colégio, era bem afeiçoado e educado, e as moças, meninas simples, inclusive Leticia, que por mais paixão que tivesse pela leitura, ainda constava da simplicidade das irmãs que moravam na estrada onde passava o trem. “eu ia brincar com Leticia e Holanda nos trilhos do Central Argentina, esperando que mamãe e tia Ruth fossem fazer a sesta para fugir pela porta branca.” (CORTÁZAR, 2016, p. 205).

Destarte, o que se observa é que além das condições psíquicas dos Eus dos protagonistas que se sentiam incapacitados, para se realizarem nos Outros (Ariel e Lyris, no caso), uma vez que não tinham coragem de declarar o seu amor ou permitir que esses o fizessem, havia também as condições sociais distintas entre eles.

ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

O Outro, segundo o exposto na análise, deve em todo caso ser pensado como algo semelhante a pertencimento do Eu, e ele “aparece na minha consciência como uma modificação intencional e necessária do meu próprio Eu- o qual adquire, por seu turno, esse caráter de “meu”- é *meu* Eu- em virtude do emparelhamento [...] que une e o opõe” (BICCA, 1999, p. 178), por o Eu desejar ter e ser ao mesmo tempo análogo ao Outro. No entanto, sem a correspondência entre o Eu e o Outro, o primeiro torna-se um sujeito frustrado e incapaz de conviver com a perda, daquilo ou daquele que supostamente seria seu, tendo seu Eu alterado pela lembrança da ausência paradoxalmente presente na memória, tornando-se insatisfeito consigo mesmo e tentando com o passar do tempo, esquecer porque “quando se perde a felicidade, a memória dessa perda pode ser tão dolorosa que o esquecimento vem ajudar aquele que sofre” (CANDAUI, 2016, p. 128).

Entretanto, a perda da memória é uma perda da própria identidade do indivíduo. “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece.” (CANDAUI, 2016, p. 59). É importante se lembrar do que se viveu, porque quem não recorda de suas experiências, não produz mais do que pensamento sem duração, sem lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. Por esse motivo, ao recontar uma parte do que lhes aconteceu na juventude, tanto a irmã de Leticia no conto de Cortázar, quanto ao narrador personagem no conto de Hatoum, é uma forma de imbricação entre memória e identidade, como uma parte formadora do sentimento identitário deles, enquanto foram jovens.

Além disso, a lembrança é o que faz da memória uma arte da narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar um declínio do mesmo (CANDAUI, 2016), por isso, é notável a irmã de Leticia narrar as dores, as alegrias, as perdas, a doença, a enfermidade, a paixão, a curiosidade, as leituras e os bilhetes de Ariel, para formar a identidade de todas as três: ela, Leticia e Holanda.

Do mesmo laço, mesmo aos catorze anos e Lyris aos dezoito, depois de muitos anos, era importante o narrador personagem ao retornar a Manaus de São Paulo, rememorar as cartas que escreveu para ela, as tardes em que ele ficou na varanda da janela, observando-a nua e lendo, e relatar que “Lyris teria hoje quarenta anos, a idade de tia Mira naquele tempo” (HATOUM, 2009, p. 22), o que ficou, foram a marca e o reflexo do Outro no Eu postulado que se alterou em busca de entender, aceitar e formar a sua identidade.

Portanto, por todo processo que o Eu passe na construção de seu Eu postulado, na realidade, esse será também o Eu alterado, porque é do sujeito o fato de observar e ser observado, amar e não ser amado, aceitar e mudar-se para ser aceito pelo outro, o qual, é na teoria freudiana uma parte do narcisismo do próprio Eu, defendido por Freud (2010), que afirma que o amar em si, enquanto ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado, eleva-o novamente. Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos, dos outros para ser feliz. É o que Leticia em “Final do Jogo” faz no que concerne a Ariel e, é também o que o narrador personagem de “Uma estrangeira da nossa rua”, em relação à Lyris.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BICCA, Luiz. *O mesmo e os outros*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

CANDAUI, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.

CORTÁZAR, Julio. *Final do jogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914-1916), obras completas volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose, perversão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. (Obras incompletas de Sigmund Freud, volume 5)

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2005.

PICHOIS, Claude; ROUSSEAU, André M. Para uma definição de literatura comparada. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. São Paulo: Rocco, 2011.

QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

REMAK, Henry H. H. Literatura comparada: definição e função. In: CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. São Paulo: Rocco, 2011.

VASCONCELOS, Lisa Carvalho. *Vertigens do eu: autoria, alteridade e autobiografia na obra de Fernando Pessoa*. Belo Horizonte: Relicário, 2013.